

Jornalismo de plataforma sobre a Amazônia: um mapeamento digital de perfis nortistas no Instagram¹

Jéssica de Souza CARNEIRO²
Universidade Federal do Para (UFPA), Belém, PA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a produção e circulação de conteúdos digitais no Instagram sob a perspectiva da prática do jornalismo de plataforma no âmbito da temática socioambiental. Buscaremos destacar a ação importante de perfis oriundos e/ou autointitulados como pertencentes à região amazônica brasileira, no que se refere à chamada de atenção para a necessidade de maior visibilidade midiática sobre a realidade nortista do país. Como metodologia, faremos o levantamento do estado da arte sobre a abordagem amazônica no Instagram, além de utilizarmos técnicas da etnografia digital, com a finalidade de mapear e caracterizar perfis noticiosos e de nicho socioambiental com destaque de atuação de mídia sobre a pauta climática.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de Plataforma; Amazônia; Instagram; Pauta climática; Nicho socioambiental.

JORNALISMO DE PLATAFORMA SOBRE A AMAZÔNIA

Este projeto visa propor um artigo que busque mapear, no meio digital (POLIVANOV, 2013), os perfis atuantes na e/ou sobre a região amazônica brasileira por meio da plataforma Instagram. Nosso foco se dará em perfis que sejam pertencentes ou partam de uma perspectiva comunicacional condizente ao ponto de vista “nortista” e que chamem atenção para questões socioambientais regionais. Para isso, pretendemos realizar um estudo de estado da arte a partir de técnicas oriundas da etnografia digital (FRAGOSO et. al., 2015; HINE, 2015) combinadas à análise de redes sociais e aos estudos de discurso mediado por computador e redes sociais (RECUERO et. al., 2020).

A meta é buscar compreender esses processos comunicacionais que suscitam debates identitários-regionais e ambientalistas pela problemática da circulação (BRAGA, 2017; FAUSTO NETO, 2010, 2018), isto é, da significância concedida também pelo público ao conteúdo gerado e difundido jornalisticamente tendo a Amazônia como lócus e cenário de coletividade. E, a partir daí, encontrar o senso de identidade amazônica e o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Cultura e Internet, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM), da UFPA, e-mail: jessica.souza.jor@gmail.com. Prof. Orientador: dr. Walter Lima Teixeira Jr.

porquê da necessidade em “defender” essa raiz (CASTRO, 2013) de diversas formas, entre elas, pela manifestação imagético-discursiva no meio digital possibilitada pelo jornalismo de plataforma por meio do Instagram (LONGUI, et. al., 2021).

Primeiramente, mapearemos perfis por meio do diretório de buscas do próprio Instagram que utilizem do termo “Amazônia” desde o nome de usuário (estado da arte). Após, filtraremos quais desses perfis são voltados à produção de conteúdo digital noticioso sobre a pauta climática e socioambiental. Além disso, visitaremos perfis que sabidamente assumem esta característica, mas que não necessariamente levem a Amazônia no nome, tendo-a, sim, como mote de seu existir digital por meio da produção comunicacional. Por fim, faremos o recorte em perfis oriundos/localizados ou tendo sua produção de conteúdo voltada para/localizada na região Norte do Brasil, a fim de afunilar ainda mais nosso objeto.

Para isso, tomaremos como base métodos etnográficos adaptados aos meios digitais (POLIVANOV, 2013), mas também fundamentados em Geertz (1981), para quem a etnografia é um processo que busca a interpretação cultural. Assim, serão realizadas: a “imersão em um caso particular”, a “referência a uma comunidade específica” e a “observação” – da direta à participante (POLIVANOV, 2013), pois enquanto pesquisadores da área de Comunicação e Cultura, temos “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019) localizados/oriundos na região Norte, ou seja, nos inserimos e nos autoidentificamos coletivamente como pertencentes à comunidade nortista/amazônida.

Direcionaremos tais técnicas etnográficas ao corpus da pesquisa, o qual levantaremos a partir da Teoria Fundamentada e as apropriações da etnografia para abordagens em estudos de redes sociais na Internet (FRAGOSO, et. al., 2015) e estudos de discursos mediados por computador e redes sociais (RECUERO, et. al., 2020).

Inicialmente, faremos a observação silenciosa (*lurking*) para o mapeamento e levantamento dos perfis, passando desta à observação direta (*insider*) daqueles que estejam relacionados ao tema ambiental-amazônico. Por fim, com foco no Instagram, buscaremos refletir sobre as redes sociais enquanto artefatos culturais (HINE, 2015) da contemporaneidade, que permitem a interação entre meios, entre pessoas e entre as diferentes culturas existentes em uma mesma cultura nacional, ou seja, que acarretam em interações mediadas por tecnologia em que a comunidade se une mais por identidade do que por questões espaço-temporais.

O destaque se dará aos feitos sociais de atores/meios que reconfiguram as tecnologias e seus contextos (MILLER; SLATER, 2004) para criar relações e discursividades digitais a partir de conteúdos midiáticos circulantes na agenda pública, tornando-os noticiáveis na plataforma Instagram, considerando ainda o fenômeno da midiaticização e a construção da sociedade mediada (VERÓN, 2013; HJARVARD, 2013; LUNDBY, 2014; SODRÉ, 2021)

Portanto, a presente proposta de artigo também nos possibilita discutir as modalidades contemporâneas de circulação a partir da teoria da plataformização (COULDRY; HEPP, 2017; COULDRY; MEJIAS, 2019; POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020) de práticas comunicativas, culturais e sociais, na busca de caracterizar a identidade, os usos e apropriações que esses atores fazem do Instagram enquanto espaço propício ao protesto e a mobilização a partir do discurso e da viralização de rastros digitais (GROHMANN, 2019), os quais transitam ininterruptamente entre os contextos on-line e o off-line (MILLER; SLATER, 2004).

Com Polivanov (2013, p. 62) entendemos que nossa missão será a de explicar como essas “experiências e dinâmicas sociais constituem teias de significados” que discutem digitalmente e geram visibilidade, neste caso, sobre as resistências amazônicas na Internet, por meio do Instagram. Buscaremos, assim, abordar também os usos sociais das mídias digitais para a manifestação de dinâmicas de interações simbólicas de tipificação regional, baseados em percepções coletivas da realidade nacional perante a variedade identitária brasileira, relativa a espaços consolidados de relações de poder no que consiste às configurações sociais do que vêm a ser “centro” e “periferia” no país, termos estes muito associadas às formas de ocupação e desenvolvimento impostas no Brasil à região amazônica (PANDOLFO, 1994; GONÇALVES, 2012; LOUREIRO, 2009; 2022).

REFERÊNCIAS

BRAGA, J. L. Circulação & Circuitos: situações. pp. 49-64. IN: CASTRO, Paulo César (org.). **A circulação discursiva** – entre produção e reconhecimento, Maceió, EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2017 .

CASTRO, Fábio Fonseca de. A identidade denegada. Discutindo as representações e a autorrepresentação dos caboclos da Amazônia. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP. V.56, Nº2, 2013.

COULDRY, N.; HEPP, A. **The mediated construction of reality**. John Wiley & Sons, 2017.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. **The costs of connection** (how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism). Stanford, Stanford University Press, 2019.

FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação. **Revista ALCEU** - v. 10 - n.20 - p. 55 a 69 - jan./jun. 2010.

FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**. Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. LTC; 1ª edição, 1981.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. 3ª ed. São Paulo. Contexto, 2012.

GROHMANN, Rafael. Os rastros digitais na circulação de sentidos: pela desnaturalização e contextualização de dados na pesquisa em comunicação. **Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. n. 42, 2019.

HINE, Christine. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. In: CAMPANELLA, Bruno. **Matrizes**. V.9, N.2. jul/dez. São Paulo, 2015.

HJARVARD, S. **A midiatização da cultura e da sociedade**. Editora Unisinos, São Leopoldo, 2013.

LOUREIRO, Violeta R. P. **Amazônia: colônia do Brasil**. Manaus, Ed. Valer-Manaus, 2022.

LOUREIRO, Violeta R. P. **A Amazônia no século 21: novas formas de desenvolvimento**. São Paulo: Empório do Livro, 2009.

LONGUI, R. R.; SILVEIRA, S. C. da; PAULINO, R. (orgs.). **Jornalismo e plataformização: abordagens investigativas contemporâneas**. 1ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021.

LUNDBY, K. (ed.). **Mediatization of communication** (Handbooks of Communication Science), vol. 21, De Gruyter, Boston/Berlin, 2014.

MILLER, D.; SLATER, D. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras**, v. 22, n. 1, 2020.

PANDOLFO, Clara. **Amazônia brasileira**: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais e futuras. Belém: CEJUP, 1994.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**. Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina (Coleção Cibercultura), 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. 1ª ed.. São Paulo: Jandaíra, 2019.

SODRÉ, M. **Sociedade Incivil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social, 2**: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.